

III

AS PROFECIAS E SUAS LEIS

— As mesmas leis ou idênticos princípios regendo tanto as CIÊNCIAS quanto as PROFECIAS — Ciclo astronômico determinado por estas.

Um dos mais freqüentes e, convenhâmos, aparentemente, mais fortes argumentos contra a veracidade das profecias é o de que na interpretação destas, mais do que em qualquer outro ramo do saber humano, se pôde aplicar o adágio:

"cada cabeça, cada sentença".

Este argumento, entretanto, em absoluto, não destrói a fenomenal exatidão das profecias. Pelo contrário a corrobóra. Com efeito, a disparidade das interpretações proféticas, que, em todas as épocas e em todas as partes, maravilhosamente se ajustam aos respectivos textos sagrados, demonstra desde logo o seguinte postulado:

"No tempo e no espaço as profecias são perpétuas ou, melhór, dentro do nosso mundo visível a PROFECIA é universal no tempo e no espaço".

Por outro lado, afirma-nos a Bíblia que as profecias, como uma das modalidades da infinita sabedoria de DEUS, são irmãs gêmeas das CIÊNCIAS, se não as mais velhas irmãs destas. Conforme, inspirado pelo ESPÍRITO SANTO, nos doutrina o admirável apóstolo S. Paulo (I Coríntios, cap. XII:1/12) tanto aquelas quanto estas promanam do PAI ou seja da FONTE ESPIRITUAL de todas as coisas:

"Ha diversidade de dons, porém o ESPÍRITO é o mesmo. E ha diversidade de ministérios, mas o SENHOR é o mesmo. E ha diversidade de operações, porém é o mesmo DEUS que obra TUDO em todos. Mas a manifestação do ESPÍRITO é dada a cada um para o que fôr útil. Porquê a um pelo ESPÍRITO é dada a palavra da sabedoria; a outro, pelo mesmo ESPÍRITO, a fé; a outro, a palavra da ciência; a outro, a ope-

ração de maravilhas; e a outro a PROFECIA. Mas um só e mesmo ESPÍRITO óbra todas estas coisas, repartindo-as a cada um particularmente como quér. Porquê assim como o corpo é um, mas tem muitos membros e todos os membros, embora sejam muitos, são um só corpo" ... a profecia, [completámos nós]

é irmã gêmea da CIENCIA ou, mais do que isto, A PROFECIA e a CIENCIA se completam como, na decomposição da aurifulgente lús do sol, maravilhosamente se completam no chamado "espectro solar" as várias gamas dos brilhantíssimos raios do astro-rei.

Demonstração irretorquível desta verdade, encontrámo-la na determinação, por intermédio exclusivo da Bíblia, da duração de certos ciclos astronômicos — os ciclos luni-solares diurnos — que modernos astrónomos, maravilhados, verificaram sobrepõem-se fenomenalmente a ciclos bíblicos proféticos. Damos aqui, a propósito deste caso, a palavra ao eminente matemático patricio, Prof. Ernesto Luiz de Oliveira, lente da Universidade de Curitiba, o qual, em uma das suas mais recentes óbras, em linguagem ao alcance de todos, assim nos conta:

"Como se sabe, esse período de 1260 anos (período profético de Daniél) é um ciclo luni-solar-diurno; isto é, um período a cujo termo o SOL, a LUA e a TERRA voltam a ocupar a mesmíssima posição relativa entre as estrelas, quando vistos de um mesmo lugar da Terra, numa mesma hora; em outros termos é um período durante o qual, para um mesmo lugar da Terra, os fenómenos luni-solares se sucedem na mesma ordem e nas mesmas horas que no período precedente. Um ciclo ao termo do qual o SOL e a LUA voltassem a ocupar as mesmíssimas posições relativas entre as estrelas, quando vistos nas mesmas horas de um mesmo lugar da Terra, foi, até fins, do século passado, tido por impossível de se encontrar, ainda pelos maiores astrónomos. Entretanto notou CHESSEAUX que o período de 2.300 dias referidos por Daniél (Daniél VIII:14) e tomado como 2.300 anos é também um ciclo luni-solar-diurno, a cujo termo o SOL e a LUA ocupam entre as estrelas, quando vistos na mesma hora, de um mesmo lugar da TERRA, quasi a mesmíssima posição que no período precedente. Notou ainda CHESSEAUX que a parcela de diferença era em ambos os ciclos a mesma. Donde concluiu ele que se subtraíssemos um do outro, a diferença seria eliminada e teríamos um ciclo perfeito. Foi assim que se achou O CICLO de 1040 ANOS ao termo do qual o SOL e a LUA voltam a ocupar entre as estrelas, quando vistos de um mesmo lugar da TERRA, nas mesmas horas, a MESMÍSSIMA posição que no período precedente.

Eis aí como se resolveu com os dados das SAGRADAS ESCRITURAS um problema julgado insolúvel pelos maiores astrónomos durante tantos séculos!

Para termos uma idéia da perfeição destes ciclos, vamos calcular a duração do ano pelo de 1040 anos e comparar essa duração com o que nos fornece a Astronomia moderna. Tomemos a posição do SOL entre as es-

trelos num determinado lugar da TERRA e numa determinada hora de certo dia do ano. Ao termo de 1040 revoluções, nessa mesma hora, será visto o SOL no mesmíssimo ponto do Céu. Ora, ele executa essas 1040 revoluções em 379.852 dias exatos. Donde resulta para cada revolução, ou seja para a duração do ano trópico,

365 dias, 48 minutos e 55 segundos.

Ora a Astronomia moderna dá:

365 dias, 48 minutos e 46 segundos.

A diferença é apenas de 9 segundos! E quem é o que está certo? Daniel não podia ter conhecimento desses dados a não ser por uma revelação divina".

[Vide fls. 140/141 da obra "ROMA, A IGREJA E O ANTI-CRISTO").

Confórme adiante veremos, é exatamente este ciclo de 1040 anos e seu indefectível complemento (220 anos) que se vêm maravilhosamente ajustando aos acontecimentos históricos profetizados na Bíblia.

Isto pôsto, podemos agora enunciar o seguinte

PRIMEIRO PRINCÍPIO

Leis ou princípios idênticos aos das CIÊNCIAS regem o desenrolar das PROFECIAS no tempo e no espaço.

Para a demonstração desta tese, implicitamente feita nos capítulos imediatos, devemos fazer preliminarmente uma série de considerações elucidativas.

Ei-las:

Se tomarmos uma molécula de um corpo qualquer, a água pura, por exemplo, e a decompuzermos em seus elementos essenciais, verificaremos que estes ali se agrupam na seguinte proporção, que em Química expressamos pela fórmula



duas partes de hidrogênio para uma parte de oxigênio. Se tomarmos ainda outra qualquer porção de água e a decompuzermos, nela encontraremos sempre os mesmos elementos agrupados na mesma proporção: duas partes de hidrogênio para uma de oxigênio. Idêntico fenómeno se verifica na **Mineralogía**: se tomarmos um cristal qualquer, porém de forma cristalográfica definida e o fraturarmos por um golpe violento, esse mineral se subdividirá em fragmentos menóres, todos invariavelmente apresentando a mesma forma cristalina anterior, por exemplo um cubo, um octaédro, etc.

Tomemos agora um exemplo na Matemática e, para que seja ele melhor compreendido, tomêmo-lo sob uma forma rudimentar, na Geometria plana.

Consideremos um triângulo retângulo qualquer, porém inalterável em seus elementos essenciais:



Fig. 3

Se a essa figura, nitidamente de 3 lados e 3 ângulos, **todos desiguais**, anexarmos um outro triângulo absolutamente igual, por meio da justaposição de um lado deste segundo triângulo ao lado igual do primeiro, obteremos, com essa operação, se a começarmos pela hipotenúsa (lado maior) uma terceira figura

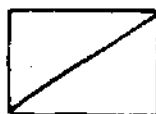


Fig. 4

diferente da dos dois primeiros triângulos, isto é, obteremos um retângulo que, como toda a gente sabe, tem iguais não somente os lados, dois a dois, mas também os quatro ângulos.

Se prolongarmos indefinidamente tal operação, obedecendo a um critério ordenado — como ordenadas são, por serem divinas, todas as leis da natureza — verificaremos que, de espaço em espaço, reproduziríamos, em triângulos cada vez maiores, invariavelmente, o primeiro triângulo, multiplicados, porém, os comprimentos de seus lados sucessivamente por 2, 3, 4, 5...

Se a ordem das justaposições for, por exemplo, a do tamanho decrescente dos lados, da última figura passaremos sucessivamente às seguintes:

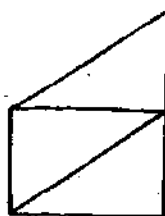


Fig. 5

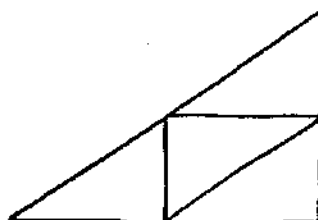


Fig. 6

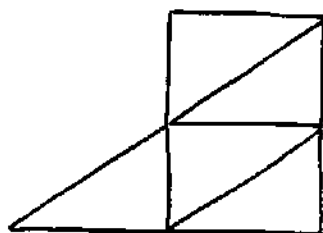


Fig. 7

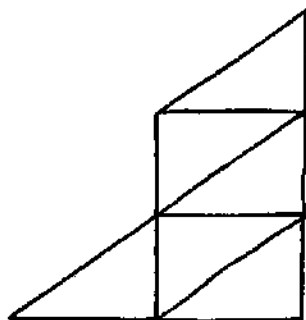


Fig. 8

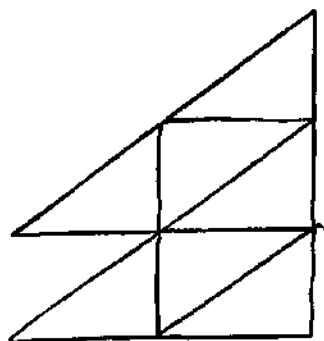


Fig. 9

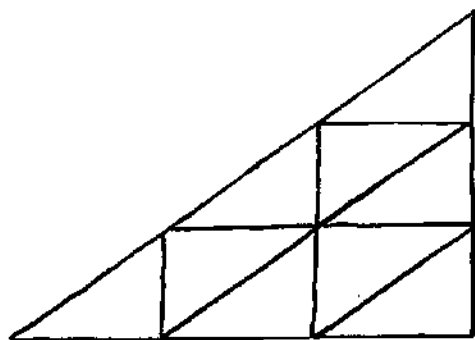


Fig. 10

Se examinarmos essas sucessivas figuras, verificarêmos que, excetuados o primeiro triângulo e os periodicamente reproduzidos, todos semelhantes, as demais figuras intermediárias são invariavelmente desiguais e dissimilhanes.

E ao observador desprevenido que a cada uma dessas figuras intermediárias e heterogêneas, examinasse exclusivamente em seus contornos, jamais ocorreria que elas se fôrmas obedecendo a uma certa ordem e visando à formação de um certo todo e que os sucessivos triângulos semelhantes se reproduzem mediante uma certa lei ou seja mediante a justaposição de um certo número de triângulos elementares, número esse que, também variável, obedece, por sua vez, a uma certa ordem ou lei, expressa, em nosso caso, pela seguinte fórmula:

$$N_n = n^2$$

Nesta fórmula, N representa o número de triângulos elementares de que se compõe cada triângulo periódico de ordem n .

Assim as profecias:

2.^o PRINCÍPIO

Toda profecia-padrão, tomada em glôbo, no tempo e no espaço, e analisada em suas partes essenciais, mediante uma certa ordem, ou certas leis que somente a Bíblia claramente nos revela, não só guarda nessas partes estrutura absolutamente idêntica à do todo, mas, também, conserva nessas partes as mesmas proporções do todo.

Sem o conhecimento, entretanto, das leis bíblicas que regem a decomposição, análise e síntese dos fatos históricos, para seu ajustamento às respectivas profecias, jámais poderão os homens determinar a forma e duração dos ciclos ou sub-ciclos histórico-proféticos, dentro dos quais, sem sombra de dúvida, simbolicamente ou não, aqueles fatos, de tempos em tempos, se repêtem ou são iniludivelmente semelhantes.

3.^o PRINCÍPIO

Desde que os fatos históricos, simbolicamente ou não, de tempos em tempos se repêtem, além de serem o cumprimento exato das profecias, são eles próprios outras tantas profecias.

A demonstração não só deste princípio, mas também dos anteriores e demais afirmativas do presente capítulo, encontra-se implicitamente feita nas diversas partes desta obra.